

RUI, MANUEL - *RIOSECO E DA PALMA DA MÃO*

Maria Cristina Pacheco

No passado mês de Outubro, as Edições Cotovia publicaram um novo livro do escritor angolano Manuel Rui, com o título genérico *Da Palma da Mão*. Apresentando um conjunto de treze curtas narrativas, curiosamente classificadas pelo autor como “estórias infantis para adultos” – subtítulo que, ao figurar na capa do volume, se reveste de uma forte carga apelativa, pelo seu ineditismo e aparente contradição - este livro situa-se, quanto a nós, na sequência directa e esperada da maior parte dos textos em prosa a que Manuel Rui nos tem habituado, já que pretenderá retratar, aqui e ali pontuados de subtil ironia, breves episódios do quotidiano luandense. Tal intenção é, aliás, expressa pelo autor num aviso preambular : “isto é a realidade e qualquer semelhança com a ficção é mera coincidência”. Assim Manuel Rui destrói, ou melhor, baralha a fronteira entre os conceitos de “verdade” e de “verosimilhança”, colocando fingidamente o leitor perante a captação directa de casos pontuais, como se pretendesse ocultar a mediação ficcional de quem narra. Neste jogo de cumplicidade, espécie de falso “tópico de modéstia”, mais uma vez se constata que o imediatismo e o tom ingénuo que, à primeira vista, caracterizam alguns dos textos de Manuel Rui apenas escondem a aguda consciência que o seu autor possui da complexidade inerente à escrita literária, mesmo quando se trata de pequenas “estórias” centradas em poucas personagens, utilizando as “falas” simples do dia-a-dia

Mas é em *Rioseco* (também publicado pelas Edições Cotovia em 1997) que, a nosso ver, mais se patenteia a maturidade narrativa do escritor. Romance longo – 532 páginas distribuídas em três partes – e belíssimo, desenvolvendo-se a ritmo lento e gostoso, é um texto bem estruturado, equilibrando com mestria diálogos e descrições. Pleno de saborosos detalhes na progressiva apresentação do perfil psicológico,

actuante e emotivo das diversas personagens (com especial relevo para *Noíto, Zacaria, Mateus*), parece-nos um texto particularmente notável pela atenção telúrica e afetiva que dedica aos elementos e transformações da natureza – o sol, a chuva, a areia, os ventos, o mar!

Quanto aos rios, são evocados nas conversas (e nos nomes dos meninos *Kuanza e Kunene*), já que o espaço privilegiado para o decorrer da acção é uma ilha de pescadores (Mussulu?), situada ao largo de uma grande cidade (Luanda?) e sem rio, isto é, onde apenas existe “rioseco”. Nesta ilha, através dos diálogos e memórias das personagens que nela habitam ou que vão aparecendo a visitá-la, todo o complexo mosaico angolano vai ser convocado: gentes da cidade e do “mato”, do litoral e do interior, originalmente de culturas, regiões, línguas e costumes diferentes, marcadas ou não pelos vários estigmas da guerra, mas conseguindo, apesar de tudo, esbater barreiras e levar à prática o ancestral hábito africano da solidariedade e da partilha dos parques bens materiais que possuem! E tudo isto – eis a grande novidade do romance! – filtrado pela visão e vivência da personagem principal, uma mulher recém-chegada, uma “*mais velha*”, *Noíto*, que, embora com “*cauteladas de sulana do planalto*”, mas magnífica de sabedoria, sensibilidade, experiência e entendimento do mundo, se vai adaptando às diferenças, agindo, inventando, apreciando os pequenos “nadas” que a vida lhe oferece e que, por isso, acabará por merecer gradualmente o respeito e a admiração de todos os que a conhecem. Subjacente a toda a narrativa, a polémica sempre reiterada em torno da maior ou menor importância ou interdependência do mar e dos rios configura, no plano simbólico, a esperança na paz e na harmonia, que o autor terá querido transmitir.

Rioseco é, pois, em nosso entender, um grande romance, revelador de um “outro” Manuel Rui, e, simultaneamente, obra de leitura obrigatória para todos aqueles que se interessam pela literatura angolana.